

A Verdade

N.º 22
 ANO I
 11
 Abril
 1920

Quando se começa a saber viver é quando é preciso morrer.
 Alexandre Dumas.

PROPRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR: JOÃO PINTO DOS SANTOS
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA CONDE AGROLONGO, 6—ESPOZENDE

Composto e impresso na Typ. Espozendense—Espozende.

NEM SEQUER O MANTO DIAFANO DA FANTAZIA.

SEMANARIO REPUBLICANO

PRÓ ESPOZENDE

Nos dois ultimos numeros deste semanario publicamos uma entrevista onde varios projectos de melhoramentos deste concelho se formularam conjunctamente com os meios possiveis de os realizar. E' com prazer porém que vimos hoje declarar que dos varios pontos de vista aventados, alguns tinham já, sobre as mesmas bases, sido discutidos em varias sessões da nossa Camara que se propõe levá-los a efeito dentro do mais curto prazo de tempo. E' assim que, estão já estudados os novos impostos a lançar sobre o transito de vehiculos, exportação de cereaes, bebidas alcoolicas, exposições de gado, construcções de navios, etc. etc. Lem desta nova fonte de receita ainda a actual Camara pensa contrair um emprestimo para provêr ao que de mais urgente se impõe quer pela sua utilidade comum quer até por constituir um rendimento compensador. Referimo-nos á captação e canalisação da agua do Bouro—que já vae chei-

rando a lenda, pela demora e por... varias coisas interessantes que são do dominio publico e no entanto o povo vae bebendo a porquissima agua da fonte publica, até que a imprensa *una voce* censure os culpados do abandono de obra tão importante, em vez de os turribular tão frequentemente e a perder a noção da responsabilidade. Estão ainda por concluir as obras dos depositos que se começaram ha anos e onde se gastou metade. ba que o Dr. Manoel Monteiro, para tal fim concedeu quando Ministro. A outra metade... morreu por falta de lembrança atacada de uma prescripção aguda para a qual não houve remedio possivel. E assim se perderam cerca de 2 mil escudos que não aproveitaram a ninguém segundo crêmos.

(Continua no proximo numero)

Assignatura

Por anno, em Espozende.....	1\$200
Para fóra.....	1\$350
Brazil.....	2.500

ANNUNCIOS

Cada Linha	8
------------	---

FOLHETIM

DOMINGO DE PASCOA

Chega alfin o domingo de Pascoa. A missa nesse dia é mais cedo por causa da visita pascal.

O povo enverga os seus fatos domingueiros e assiste á missa num regosijo de crente, que a guarda para breve a apetejada visita de Deus—que á casa vai levar a vida, a saude e a prosperidade.

A um lado do altar sobre o supedâneo está a cruz pascal, totalmente coberta de flores naturais e artificiais e de vistosos e coloridos penachos, que a escondem por completo como se não fosse da melhor prata!

A cruz da nossa igreja!—essa preciosidade arqueológica que os franceses 68 anos mais tarde (1) haviam de esconder dez ve-

zes mais tanto que inda até hoje não foi possivel descobri-la? Sim. Pois essa cruz de prata neste domingo de páscoa de 1740 desaparece completamente sob uma enorme profusão de flores, deixando apenas a descoberto o Cristo de ouro que um velho artista medieval burilara seculos atraz.

E o povo, aquele povo crente quasi fanatico—não sei, mas parece-me, que vê naquela imagem o proprio Deus vivo, que lhe sorri amigo e o abençoa...

Ao fim da missa o cruceferário—que é o mordomo da cruz, os eleitos—que são os moços que recolhem os folares, e o campanulário—que é o rapazinho da campainha e ainda outras pessoas gradas que o senhor abá le convida, reúnem-se na sacristia. Sobre a grande arca ferrada, de tres fechaduras, estão os ba-

Snr. Governador Civil

Deve V. Ex.^a ter sido informado minuciosamente do que se passou em Fão, na penultima sexta-feira, 2 do corrente.

Apesar disso, não resistimos ao prazer de fixar nas columnas da *Verdade*, para que toda a gente o possa ler e V. Ex.^a possa confrontar, as prepotencias e arbitrariedades praticadas pelos seus correligionarios, que revestiram um tal caracter de violencia, como jamais se viu n'este concelho.

Tratava-se de conduzir ao cemiterio paroquial de Fão, os restos mortaes de uma pessoa de familia de um amigo nosso e assim prestar-lhe a ultima homenagem.

Previamente, o novo paroco de Fão, tinha-se avistado com a autoridade administrativa a quem perguntou se era permitido o enterro católico e se sua Ex.^a mantinha a ordem, se por acaso ella fosse alterada. O snr. administrador respondeu a tudo que sim.

Quando estava para sair o prestito, dois cavalheiros, correligionarios de V. Ex.^a dirigiram-se ao paroco e disseram-lhe: «a maioria do povo de Fão, não o reconhece como prior da freguezia»;—e intinaram-n'o a tirar a estola.

Isto, snr. Governador Civil, foi dito dentro da porta da casa dos doridos.

O paroco, perguntou lhes: V.^{as} Ex.^{as} são a auctoridade?

A isto respondeu o illustre

Regedor: a autoridade sou eu, e saindo para fóra da porta, puchou da pistola e deu uns tiros. Tremeu Troial! Os seus amigos, esses sete ou oito, comandados pelo mestre Joaquim, abriram nutrido fogo contra pessoa inofensivas e desarmadas, feriram a torto e a direito, não poupando sequer os proprios amigos.

Passado o primeiro momento de pavôr deu-se a reacção e os homens das tochas, transformando-as em bons marmeleiros; responderam á violencia praticada e provocada pelos amigos de V. Ex.^a, pondo as tochas em tocos.

Ligando a tochas, terminaram os seus amigos este nobre e generoso acto com variados vivas, para que ouso chamar a atenção de V. Ex.^a:

Ha em Fão, um posto com guarda republicana: a guarda tinha saído. Com ordem de quem? Tem V. Ex.^a em Espozende uma autoridade de sua absoluta confiança; não apareceu.

Dos amigos de V. Ex.^a partiu a provocação; os amigos de V. Ex.^a alteraram a ordem praticando uma violencia absolutamente injustificavel.

Até aqui, nada de extraordinario. Meia duzia de amigos seus, cujas probidade moral é defendida pelo viva o sangue que soltaram, uns esturrados que fazem tudo porque sentem as costas quentes, cometeram um crime. Nas mãos de V.^a Ex.^a está o



Fã, perdida á beira mar,
 A grande Fão d'outras eras
 Deltou fita de pasmar:
 Foi mesmo fita e... paras.

Desceram lobos do cérrro,
 Cá p'ra baixo ao povoado,
 E laborando em érrro,
 Foi um cortejo assaltado,

Por grupelhos descontentos.
 Na frente, dois maloraos:
 Armados até aos dentes,
 Seguiam, atraz, os mais.

Foi tiroteio bravo
 Encheu-se de sangue a rua
 Tornou-se vermelho o rio
 Empaldecou a lua.

N'estes tempos, n'esta idade,
 Em que o lema do regime,
 Foi e é a egualdade,
 Que heroismo tão sublime.

Fleou em estado de guerra
 A linda aldeia de Fão;
 Se resistiu o Frontal...

Houve até um desgraçado,
 A' outrance perseguido
 Foi tanto, tanto alvejado,
 Que admira não ser ferido.

Um caçador que assistira,
 Diz: o que eu vi ali!
 Tanto tiro, não se atria
 A' rapoza ou javali.

A' noite succede o dia
 A' tempestade a bonança
 E foi com grande alegria,
 Acabada a contra dança

Que se tirou a hação:
 As armas, eram de pau
 As balas, de paplão,
 Antes a sim, menos mau.

Já o adaglo rofere
 (Esta lembrança me ocorre)
 Todo o que com ferro fere
 Sempre, sempre a ferro morre.

E' erro da minha vista
 Não tenham d'isso Husão
 Curtão a pedir Baptista
 Os bombardeiros de Fão.

Neiva.

os seus novos tamancos de Barcelos, a outro os enormes colarinhos de fino linho da terra, que demasiado encobriam a lapela da vestia.

A este, ao Lourenço, gabava a boa qualidade dos seus calções de lá, que já tinham servido na mocidade do avô, fizeram a do pai e iam fazer a dos netos e—ô felicidade dos nossos avoengos!

Sempre novos e bem cultadados. A'quele, ao Luiz Branco, que usa barba pescocreira, aconselhava-o a cortar a barba para não afugentar as moças.

Eles riem sempre, não se melindram. Depois entrega a caldeira da agua-benta no ti' João Lisboa, manda dar uma corrida ao sino e saem.

(Continúa)

(1)—Este capitulo pertence ao romance *Sinhor das Verdelhas* cuja accção se passa em 1740. O autor está a preparar a 2.ª edição e o presente escrito é bastante modificado, como de resto todo o livro.

castigo ou a convivência.

E para isso permita-me umas ligeiras considerações, que justificam tudo.

O sr. administrador do concelho, sabia o que se ia passar, e sabia-o porque os seus amigos lhe disseram quando elle os procurou em Fão, que não o respeitaram, nem acataram as suas ordens.

O sr. Administrador dimitiu-se e fez muito mal. Parecemos que sua Ex.^a deveria cair depois de impor a ordem á força, fazendo para isso, tudo quanto fosse preciso, e mesmo assim, não faria mais do que cumprir uma parte do programa do governo que elle e V. Ex.^a representam—ordem, ordem e ordem.

Alguem, no meio da barafunda causada pelo tirotoeio, pelos gritos, pelas correrias, dirigiu-se ao regedor e disse-lhe: V. em vez de manter a ordem, está para ahí a dar tiros, de pistola em punho?

Ao que o bom cidadão e illustre regedor respondeu: que é que V. veio aqui cheirar?

Vá para Espozende, e mete-lhe a pistola á cara, não disparou nessa altura porque já não tinha balas.

Com amigos desta força, com um regedor assim e com uma autoridade como V. Ex.^a aqui tem, a ordem ha-de ser sempre desordem, á lei ha-de substituir-se sempre o arbitrio e a violencia continuará a impar, ali do outro lado do rio, até que não se pode viver sob a pressão de meia duzia de fanaticos, que querem impor-se, mostrando aos adversarios, revolveres e pistolas, por dá cá aquella palha.

Ordenou V. Ex.^a um inquerito?

Feito por quem? Pelo sr. Administrador, Ora! . . . Por acaso, nesse inquerito, a autoridade administrativa será capaz de dizer que foram os proprios correligionarios, que o desrespeitaram e lhe disseram que não lhe obedeciam? . . .

V. Ex.^a conhece aquella fabula de Phaedro, em que as rãs pediam em altos gritos um rei?

A primeira experiencia está feita. Tente V. Ex.^a a segunda e faça comprehender aos seus amigos que num regime republicano a lei é igual para todos.

Mantenha V. Ex.^a a ordem, Sr. Governador Civil, e não consinta que, por mais tempo, os seus amigos fomentem a desordem.

Um espozendense

CARTAS Á MAFALDA

Minha querida amiga

Escrevo-lhe, minha boa amiga, do mais alto do Penedo da minha Saudade. Estou no Minho. O Minho guinda-me sempre ao mais alto do Penedo da minha Saudade.

Nasci no Sul e você sabe, encantadora Mafalda, eu sou de lá.

A paisagem minhota é linda, mas eu sou extremenhol: as mulheres do Minho são deliciosas de linha e côr, mas eu sou extremenhol; os costumes destas paragens encantam, mas eu sou extremenhol! Sou extremenhol!—por tanto o Minho me guinda ao mais alto do Penedo da minha Saudade.

Tudo isto, Mafalda amiga, vem para advertir que nesta carta não lhe direi o Minho. Para que eu lhe dissesse o Minhourgia que eu o entendesse. Eu não entendo o Minho. Diante da paisagem minhota sinto que a minha paleta descôra. E o Minho tem muita côr. Mas eu não entendo estas côres. Como entenda-las, se—Deus da minha Arte—eu sou extremenhol?!

Da minha sensibilidade de pintor extremenhol, pois que não entendo as côres destas paragens, nada lhe posso dizer que diga o Minho. Que dizer-lhe? Vai dizer-lhe o fumo do meu cigarro: Fumo do meu cigarro! Como é lindo o azulado fumo do meu cigarro! E vou-me a correr fora em cada de emoções novas! Fumo do meu cigarro, eterno confidente das maluqueiras do pobre artista, como eu te quero! Sigo-te com os olhos e contigo arrumo para o espaço um ar que é demais no meu peito. Contigo vai a minha colossal ancía de Beleza, vaguear ao acaso pelo ambiente deste quarto.

Estou só e muito acompanhado, triste e bem contente! Porque, nós, os artistas, como anormais e doentes da sensibilidade, méros doidos com poucos momentos de lucidez, sentimos Beleza no silencio—é na solidão que mais nos acompanham as fantasmagorias da Arte.

A Arte, creia minha amiga é uma formidável loucura de Beleza que dá ao artista momentos de tristeza horrível. Estou triste. Os meus pensamentos são tristes. Tristes seriam os quadros que Deus me mandasse pintar. Estou triste, muito triste. E porque estarei eu triste? Nem eu sei—Meu Deus e Musas da minha Arte—sinto a tristeza, mas ignoro a sua origem. Sinto que uma mulher muito bela, de gazes envolta, vem até mim e me perfuma com o seu hálito de mil perfumes; me foge, quando mais a quero realidade, deixando-me nesta terrível pressão de esquite de mim mesmo.

Esquite de mim!—Eu vivo morto! Enterrei-me no Sonho e a chave do meu caixão é a Realidade.

Da terra do Sonho, em pó e cinzas desfeita, erguem-se em poémas de curvas satánicas, os vermes da Beleza que me roem a alma. Esquite de mim!—Eu vi-

vo morto! Morri no dia em que por dentro, se me iluminou o cráneo, e começou em mim, na minha alma, a lenda de Santa Sensibilidade!

Eu era vivo. Deram-me livros, pensei, senti: morri! Morri e não tenho saudades da vida que vivi. Morri, morri e só agora sei que vivo.

Mas . . . Oh! Mafalda, Mafalda, perdõe-me que eu sonho e você está acordada! Eu não tenho direito de lhe escrever assim. Eu morri, mas você vive! Você não me entende.

Isto para você, terá um que de magia espirita. Vae julgar-me morto que fala por intermedio da meza.

E sofre! Como eu vejo que sofre!

Perdõe-me, Mafalda, os mortos ás vezes tem disto . . .

A mão amiga de um verdadeiro talento que insiste em julgar-se livrador, trouxe-me, há poucas horas, um livro do delicioso poeta que é Antonio Correia de Oliveira.

«Na Hora Incerta ou A Nossa Patria—L. 1.º—E' Portugal que vos fala (Redondil as que para o povo escreveu Antonio Correia de Oliveira.—Ano Novo de 1920)—eis o delicioso livro que recomendo a Mafalda. Leia-o, leia-o depressa e diga-me depois se não senti riquissima, a alma de um Grande Poeta de Portugal!

Esta vida longa. Não quero que as suas lembranças e as minhas fiquem sós por muito tempo . . .

Agora vou meter-me pelos campos de braço dado com a Primavera que ahí está fora—tão ga rotal—a chamar-me para a Orgia das Côres.

Adeus.

Dois beijos para as suas lindas mãos da princezinha encantada,

Do seu amigo

Octavio Sergio

Como se faz a historia

Dissemos nós, num dos ultimos numeros da Verdade que, se alguém tinha que ser demittido pelo snr. Ministro da Instrução, o primeiro era o Inspector do Circulo.

Alem das razões que aponte no ultimo artigo, seja-me pernittido juntar mais algumas, para que se fique sabendo que nós apenas queremos que se faça justiça a todos, não nos importando, para isso, com o logar que as diversas entidades possam occupar.

No tempo da Monarchia era este concelho visitado a cada passo, quinzenalmente talvez, por sua ex.^a. Acreditamos que o snr. Inspector fazia essas visitas para ver como se conduziam os seus subalternos, e fazia muito bem.

Proclama-se a Republica e essas visitas cessam como por encanto. Ora sua ex.^a cumpria, nos tempos da Monarchia ou não cumpre agora, a não ser que

atribuimos essas visitas a fins deferentes daquelle que oficialmente desempenhara.

Mas que seria então? Misterio! . . .

Não vindo sua ex.^a a este concelho inspecionar de perto os seus subalternos, mal se comprehende que dê informações, que por isso mesmo serão baseadas talvez em modos de ver puramente pessoais, em vez de serem a resultante do aproveitamento e da frequencia que o professor ministra a instrução aos seus discipulos. Como quer que seja, é facto que no concelho foram demittidos dois professores, sendo como já dissemos reintegrado um e o outro lançado ás feras, sem que os seus colegas, num geito de protesto se unam a quem sabia ser absolutamente leal e inteligente e sabedor como nenhum outro.

Por intermedio de sua ex.^a, o Ministro lançou-o ás feras e os colegas disseram amex.

Se a Republica fosse um regimen de justiça como é de favoritismo, ha muito tempo que Manoel Boaventura teria sido reintegrado. Que fez elle para ser emparceirado com o professor Torrinhos na demissão e não o ser na reintegração?

Quem o viu, á frente das manifestações monarchicas, esganigar-se a dar vivas á Monarquia?

Alguem o acusa de ter queimado a bandeira da Republica? Como escritor de merito e jornalista, publicou alguns artigos "Responda o actual regimen?"

Responda o actual regimen? sua ex.^a o Ministro, essas ex.^{as} todas que na sombra perseguem Manoel Boaventura, desde que elle, como todos os colegas do concelho, não foi pagar pé a certo soba.

O que fizeram a Manoel Boaventura, não tem classificação, mas também é preciso ao procedimento réles que tiveram com elle, alguma coisa fique para perpetuar a memoria de tão nobre e generoso feito.

E por isso tomamos a liberdade de lembrar ao ex.^{mo} Ministro que, para a devida comemoração mande fazer as medalhas, que passam a descrever.

Para o snr. Inspector: Sobre um fundo azul, que que tanto pode representar o nosso lindo céu, como a brandura dos nossos costumes, a effigie da Republica em rubro: no reverso, em alto relevo, e em primeiro plano, a Junta Governativa do Norte oferecendo o bastão do mando a sua Magestade El-Rei D. Manoel II.

Em segundo plano.

O snr. Inspector, regendo um orfeão, composto por todos os professores do circulo—que entoaria a conhecida passagem da granduqueza e que serve de legenda ao medalhão: uceit o sabre . . . o sabre, o sabre.

Para a colocar sobre o coração generoso de sua ex.^a dum lado uma fita verde-rubra, do outro azul e branco, tendo o cuidado de lhe aplicar um systema de rotação, para se voltar facilmente, se as contingencias da sorte assim o determinarem. Para o professor Torrinhos:

—No avverso da medalha, a bandeira verde-rubra da Republica surgindo do meio de chamas, representando os dias da traulitania e de Monsanto.

No reverso, uma corôa e um barrete phrigio, rudupiando vertiginosamente, a mão cabeluda e magra tentando agarrar a primeira que lhe passe ao alcance.

Como legenda mais vale um passaro na mão . . .

Para o Boaventura: no avverso, uma palma, com a seguinte legenda «avo Ceará» representando o agradecimento do nosso querido amigo e compacheiro de infortunios a sua ex.^a, o Inspector, pelas atenções e delicadezas que sempre lhe tem dispensado.

No reverso duas datas: A primeira a do dia em que infamemente foi mandado para Braga como conspirador—a segunda a da sua demissão.

ESPOSENDALÉRIAS

Apesar dos roncões da ventania, açoiar, impiedosa, as arvores que marginam os campos e as bouças e silvar ameaças pelas frinchas da janela; a despeito das carancas do céu mal humorado e das cordas obliquas da chuva alagadiça, que tem caído—eu bem sinto que a Primavera chegou.

Presente-se bem nas ascendências das boas seivas que sobem a rejuvenescer as velhas arvores e a vesti-las com a canção das suas verduras, de cambiantes variadas, desde o verde-louro, das vinhas, ao verde negro dos pinheiros.

Os pinhares alegrem-se com a vaporosidade das suas delicadas flores, preste a deixarem-se fecundar, para a multiplicação abençoada dos frutos.

As floritas bravias nos matos e os matizes variados dos prados, rescendem em hálitos saubos vigor e força.

E' a Primavera que chega envolta entre os canticos suaves das avezinhas e as tonalidades luxuriantes das cores.

Os perfumes selvagens dos matagais do norte e os aromas inclassificaveis dos campos, haurem-se numa spreguidão gulosa como se bebessemos a alma das flores, na doçura de mel dos seus perfumes.

Lembra-me agora a frase lapidar de Heine:—«O perfume é o sentimento das flores.» Parece que sim, parece que a violeta, a modesta, com a suavidade do seu embriagante perfume, deve albergar em sua pequenina alma de flor, o sentimento nobre da maior generosidade.

Mas que contradição!

Quem não conhece o agrasivo espinheiro do monte, armado de agudos pregos contra tudo e contra todos,—parece que com o fim de proteger as suas vaporosas e aromáticas flores?

Não obstante nada ha mais fino, mais delicado, do que um raminho de flores de espinheiro; e se a intensidade dos sentimentos das flores, se mede pelo grau e finura do perfume—que grau-

Pode fazer-se um tratamento racional da

FRAQUEZA GENITAL
sem haver o menor perigo para o organismo, empregando o processo otopherapico, por meio do extracto testicular.

OS

GAZES DO ESTOMAGO E DOS INTES-TINOS
desapparecem, tomando no meio de cada refeição, um a dois comprimidos de

Carvão "SANITAS,"

Enviar consultas, guardando-se o maximo sigillo ao

LABORATORIO «SANITAS»
Travessa do Carmo, 1, 1.º
LISBOA

A VERDADE EM FÃO

CRONICA FANDANGA

O supremo mal de que está eivado o paiz e que tem afastado do convívio republicano as maiores competencias nacionaes é a mania de declarar *desaffecto ao regimen*, qualquer personalidade em destaque, quer seja professor ou funcionario publico, ou mesmo individuo de classe independente. O governo procedendo a uma seleção do elemento perturbador, se chamasse a cooperar, na direcção das diversas e complicadas estancias burocraticas, gente séria e competente, não veria constantemente esta suprema vergonha da frequencia de revoluções; mas tambem a sua continuada intervenção em assumptos pessoas ou collectivos, que não lhe dizem respeito, tem produzido a desconfiança da população portugueza nos seus governantes, e d'ahi esse constante mal estar de elementos insofridos. A proposito vem o seguinte caso:

Uma confraria qualquer élé-ge, numa assembleia, a direcção que ha-de reger os destinos durante um certo lapso de tempo. A eleição foi legal, mas o governo a pedido de afeccionados, dissolve a direcção sob a disparatada insinuação de *desaffecto ao regimen*.

E' simplesmente um cúmulo, a quinta essencia da intolerancia partidaria.

Não se deveria chamar *desafeta* ao regimen qualquer collectividade religiosa, mas aos que nos despertam, — a esses afeccionados ao governo, — a *dôr-civil*, de ver tudo isto no mais vergonhoso caos.

Fez-se o 5 d'Outubro para desterrar os cesares constitucionaes e ficamos sob o doce dominio dos *cesarêtes* absolutistas de diversas profissões, qual dellas a mais democratica...!!

O que vale é que estamos na fandanga e leva-se a cousa a rir...

Pai Paulino.

E lá se passou a Semana Santa, sem que aqui se realizasse a menor cerimonia religiosa, apesar de existirem valiosos legados para se efectuarem.

E assim, em constantes manifestações de *patriotismo*, vão acabando com tudo, que os nossos antigos foram deixando para nós mantermos com respeito, e desenvolvermos conforme nos fosse possível, garantindo a tradição.

O que vale é que toda a gente os conhece, e faz delles o verdadeiro juizo.

desa de alma num corpo de caracol

Primavera! ó Primavera! tu és a encarnação da alma alacre de Dionisios, a rir no lume no-

Não pode, porém, continuar este triste estado, porque está soffrendo uma povoação inteira.

O movimento na estrada de Espozende durante estes dias de Semana Santa tem sido extraordinario.

As mercearias dos nossos amigos Antonio Loureiro, Manoel Areia e José Terra tem feito largo negocio com os fanguueiros, que aproveitam a ocasião de irem assistir ás solemnidades, naquella villa.

Esta semana alem dos varios furtos pelas tomadias, de somenos importancia, houve um grande roubo feito á sr.^a Angela Pereira Gonçalves, cujos audaciosos auctores ainda não foram apanhados. Soma e ségüe...

Foi transferido, por castigo o cabo commandante do sub-posto, d'esta freguezia.

Sempre tivemos convencidos que seria feita justiça a quem tão incorretamente procedeu no passado mez de fevereiro, originando uma sindicancia cujos resultados começam a aparecer.

Vimos ha dias, entre nós, de visita a sua familia o ex.^{mo} sr. João Carlos Gonçalves, de Cerveira.

De passagem, estiveram ha dias aqui os ex.^{mos} snrs. Raul Bor da e Manoel M Sobral que seguiram viagem para o Brazil.

Feliz viagem.

Na quarta feira da semana passada falleceu, após prolongada doença, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Delfina da Costa Campos.

A extincta, que era muito estimada no nosso meio pelas suas bellas qualidades de character e de bondade, era mãe da Ex.^{ma} esposa do nosso presado amigo Sr. Carlos Henrique d'Oliveira, a quem, por esse motivo, apresentamos a expressão sincera do nosso pezar.

a sexta feira, sendo impedido por um grupo de individuos que obstinadamente e por meios violentos, tiros e pedradas não consentiram que saísse o funeral, nesse dia.

Comentarios para quê?!

vo do sol, na terra verduza das plantas, nas gargalhadas cristalinas das aves, na lombada pardacenta dos montes, nos arrulhos monotonos dos regatos—

nos seres vivos e nas coisas brutas...

Quem dera eterna a Primavera das coisas!

Quem dera eterna a Primavera da Vida!

Ruben.

DAS ALDEIAS

FORJÃES I

N'uma das ultimas noites os larapios assaltaram uma casa em que o nosso amigo Sr. Alberto de J. R. Torres tinha uma quantidade de batatas, levando-lhe uma porção de arrobas, que estavam destinadas á plantação.

—Tambem levaram á sr.^a Mariana Fernandes de Sá, uma cábra e uma cabrita, no valôr de 25 mil reis.

Se a autoridade local não dá providencias a estes abusos dentro em breve estaremos em plena Falperra.

—Hontem de manhã saiu o sagrado Viatico aos enfermos d'esta freguezia, sendo acompanhada de bastante povo.

—Tem estado bastante encomodada de saude a esposa do nosso amigo sr. Alberto de Jesus Ribeiro Torres. Rapidas melhoras é o que lhe desejamos.

—Encontram-se entre nós em gozo de ferias os sobrinhos do ex.^{mo} sr. Rodrigues de Faria e os filhos do sr. José Albino A. de Faria, inteligente professor oficial.

IDEM, 10.

—Realizou-se no passado domingo e segunda-feira a visita pascal que decorreu na melhor ordem. Na segunda-feira, foi benzida uma capelinha pertencente ao sr. Manoel Ferreira da Cruz, na qual se venera a imagem de Santo Antonio. Ao acto assistiu bastante povo.

—Na tarde do ultimo domingo, faleceu na visinha freguezia de Fragozo, na avançada idade de 87 annos a sr.^a Josefa Rodrigues de Faria, tia do ex.^{mo} sr. Rodrigues de Faria. O funeral realizou-se na terça-feira, no qual tomaram parte as Confrarias das Almas e Senhora do Rosario d'esta freguezia Paz a sua alma.

—Na madrugada do dia 6, foram presos pela Guarda Nacional Republicana os desertôres, Justino Lima e José Alves Neiva. Deram entrada na prisão de Infanteria em Barcelos, seguindo para o forte de Valença na passada 5.^a feira.

—Partiu para Lisboa o importante capitalista ex.^{mo} sr. Rodrigues de Faria.

C.

OBESIDADE
desapparece, sem pejuizo para o organismo, fazendo um tratamento racional pela

THYROIDNA ACTIV
de que se devem tomar 2 comprimidos a cada refeição.

V. Ex.^a faz mal as suas digestões? Fica depois das refeições com o estomago cheio e com afrontamentos? Pois tome uma a duas colheres, das de chá, de

SANITAS
Travessa do Carmo, 1, 1.^o
LISBOA

NOTICIARIO

FALECIMENTOS

Em Palmeira faleceu no dia 3 e sepultou-se no domingo de pascoa, de manhã, o Sr. José Gonçalves da Silva, de 27 anos, solteiro, prefeito da officina S. José, Braga.

Era uma creatura ilustrada e muito honesta.

Tambem em Palmeira faleceu, quase repentinamente, em virtude dum forte accessa de febre cerebral, o estudante Alvaro Gomes da Silva, de 17 anos, rapaz muito inteligente, a quem o futuro deveria reservar largas prosperidades.

O finado era filho do sr. Manoel Gonçalves da Silva Novo «o Postico».

As familias enlutadas as nos sas condolencias.

PEDIDO DE CASAMENTO

Para seu irmão sr. Julio Giesteira Lima, proprietario, da freguesia de Mar, foi pelo sr. Adelio Ferreira Lima, habil escrivão notario em Mopcorvo, pedida em casamento, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Ernestina Augusta de Sá Oliveira, muito digna professora da Escola Primária Superior de Famalicão.

Segundo consta é para breve tam auspicioso enlace.

Desde já lhes desejamos uma perene lua de mel.

EXPEDIENTE

O nosso jornal não pode sair no domingo passado, por falta de papel, pelo que pedimos aos nossos estimados assignantes nos desculpem, procurando de futuro evitar estas contrariedades.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Antonio Fernandes Ribeiro e mulher Eva de Magalhães Ribeiro, vêm publicamente patentear o seu profundo agradecimento ao excellentissimo sr. Dr. Ramiro de Barros Lima, ilustre facultativo desta vila, o qual, durante a grave doença que por tanto tempo retêve no leito a declarante e a levou ás portas da morte, mostrou a sua superior competencia e inigualavel dedicação, tudo isso aliado a um trato verdadeiramente primoroso e amigo.

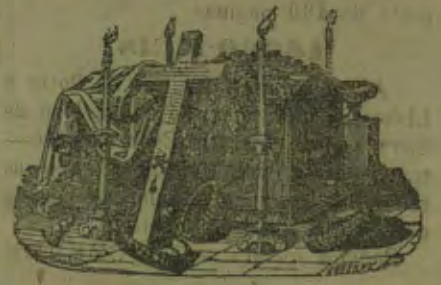
E assim, solenemente afirmam que a tão distincto médico se deve o facto de a mesma pertencer ao numero dos vivos, encontrando-se completamente curada.

Aproveitun a oportunidade para agradecerem reconhecidissimos, as provas de estima e amizade

de que, por muitas formas, foram alvo por parte dos seus amigos e conhecidos durante a aludida doença.

Espozende, 28 de março de 1920.

- a) Antonio Fernandes Ribeiro
- a) Eva de Magalhães Ribeiro



AGRADECIMENTO

Os abaixo assinados, pais, irmão e tios do sempre chorado Manoel dos Santos Garcia, veem por este meio cumprir o doloroso dever de agradecer a todas as pessoas que durante o transe porque passaram, lhe significaram os seus prestimos, acompanharam a ultima morada o extinto e assistiram á missa do setimo dia, procurando por este meio sanar qualquer falta que por ventura possa ter havido da nossa parte, protestando a todos a nossa indelevel e eterna gratidão.

Espozende, 26 de Março de 1920.

- Antonio dos Santos Garcia
- Maria de Vilas Boas Pereira
- Francisco dos Santos Garcia
- João de Vilas Boas Pereira, ausente
- Rosa Alves Morgado

Objectos de ouro, prata e platina, compram ao ao melhor preço
BRANDÃO & C.^a
(Agencia de Espozende)

O melhor remunerador do organismo é a

CALCINA TRIPLICE

As pessoas fracas, com tendencia para a tuberculose, e com emagrecimento progressivo devem tomar a

Calcina Triplice com Arrhenal

As pessoas anemicas e as creanças filhas de paes anemicos, sobretudo as que vivem em climas quentes, devem tomar a

Calcina Triplice com Ferro Organico

As creanças lymphaticas, pallidas, desenvolvendo-se muito vagarosamente adquirem a cor rosada natural e a robustez normal, tomando a cada refeição, uma a duas colheres das de chá de

Calcina Triplice com Iodo Organico

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO "SANITAS"
Travessa do Carmo, 1, 1.^o
LISBOA

EDUARDO MOTTA
ADVOGADO
Rua 15 de Agosto

Collecção de Silva Vieira
**ENSAIOS
 ETNOGRAFICOS**

por
J. Leite de Vasconcellos
 VOL. 1.º 2.ª EDIÇÃO

Muito melhorada e revista pelo au-
 ctor, impressa em magnifico papel, com
 mais de 400 paginas
1\$000 REIS

A' vende nas livrarias do Porto a
 Lisboa, e em casa do editor José de
 Silva Vieira—Livraria Espozendense—
 remetendo-se pelo correio a quem os
 requisitar mediante a sua importancia
 e mais 25 reis para o porte.
 Pedidos aceditor —ESPOZENDE

Acaba de publicar-se

FOICLÓRE

da
Figueira da Foz

Cordenado por *M. Cardoso Martha*
 e *Augusto Pinto*
 Repositorio completo das tradições
 populares da Figueira.

2.º e ultimo vol. com cerca de
300 paginas 500 reis
 A' venda em Lisboa:

Livraria Classica Editora, de
 A. M. Teixeira, 20, Praça dos Restaurado-
 se, 20.

No Porto:
Livraria Portuguesa—editora
 de Joaquim Maria da Costa, (gerentes, Ma-
 chado & Costa) 55, Largo dos Loyos, 56
 Em Espozende:

Livraria Espozendense Eito-a,
 Rua Veiga Beirão,— 7 a 9

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal
 para o estudo das tradições populares
 dirigida por

José da Silva Vieira
 collaborada por todos os folk-lorista
 portugueses e estrangeiros

Assignatura
 Anno, Portugal.....60
 Estrangeiro..... 1:00

Toda a correspondencia deve ser
 dirigida á Redacção «Revista do
 Minho» ou ao seu director, José
 da Silva Vieira—ESPOZENDE

Ninguém tenha duvida, que
OS FACTOS
 e outras fazendas tem mostrado á evidencia
 que quem quizer

VESTIR BEM
 e tiver a intuição do

BOM GOSTO
 quem pretenda ser bem servido com

TECIDOS DE CONFIANÇA
 e deve preferir sempre os

PADRÕES QUICIS
 que constituem os sensacionais sortimentos da
 conhecida e acreditada

CASA ARNALDO TORRES
 Largo Dr. Fonseca Lima
ESPOZENDE

APONTAMENTOS SOBRE
LEXICOGRAPHIA PORTUGUEZA
 POR

M. Boaventura

1.º volume
 (LETRA: A—E)

Preço 20 centavos. Pelo correio, 21.

Um elegante volume muito por-
 tatil, de 200 paginas, em magni-
 fico papel e boa impressão.

A' venda nas principaes livra-
 rias de Lisboa, Porto, Braga, Bar-
 cellos e outras terras.



TIPOGRAFIA

ESPOZENDENSE

ESPOZENDE

RUA DIREITA, 7 a 9

Esta typografia acha-se montada por forma a poder satisfazer com vanta-
 gem os seus clientes e com esmero e brevidade todos os trabalhos que lhe sejam
 confiados, para o que dispõe de material completamente novo, nacional e estran-
 geiro, maquinas de impressão, de picotar, coser a arame, de cortar papel, aper-
 to etc., para o que possui pessoal com longa pratica e competentemente habi-
 litado. Execução de todas as obras de livro, em todos os formatos, jornaes politi-
 cos, litterarios e noticiosos, facturas, cartazes, grandes para o que ha typos adqua-
 dos, memoranduns, trabalhos para todas as repartições publicas e particulares. pros-
 pectos em todos os fomatos e gosto artistico. cartões de visita, para o que ha um
 grande mostruario com 60 qualidades de typos diferentes, e tudo que diga res-
 peito a este ramo de industria. Preços de todos os trabalhos, os antigos. Ha gran-
 de quantidade de cartão de visita em todas as qualidades e formatos.

O publico para ser bem servido deve sempre preferir es-
 ta antiga e bem montada officina.

“ONDINA”

Companhia de Seguros (em organização)

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

CAPITAL—Meio Milhão de Escudes
 (500 Contos)

Séde provisoria—Rua Mousinho da Silveira n.º 129-1.º—

PORTO

N'esta Redacção, indica-se a pessoa autorizada a rec eber o
 capitais de qualquer subscritor, em acções nominaes de 40+00
 escudos.

NOVO ESTABELECIMENTO

—DE—
Manoel Lopes Rodrigues d'Areia

Ferragens e Merceria
RUA 1.º DE DEZEMBRO
ESPOZENDE

BRANPÃO & C.
AGENCIA DE ESPOZENDE
 SEDE: VILA NOVA DE FAMILICÍO

Compram e vendem papeis de credito e fazem todas as operações bancarias.

Depositos a prazo e á ordem

Correspondentes em todas as terras do pais

Negocios no Brazil.

Agentes em LONDRES, PARIS e MADRID.

MODA E ELEGANCIA

ATELIER DE ALFAITE

DE
Manoel de Jesus Pereira

Executa-se com perfeição e esmero todo e qualquor trabalho da sua arte
 por preços modicos, responsabilisa do-se pelo trabalho que executar.

Tambem confeciona casacos para senhora, obodecendo ás ultimas exigen-
 cias da moda.

Fatos promptos a vestir em 2½ horas. Execução rapida, perfeita e elegante

Fazem se capas e sobretudos de borrachá e gabardine
 para homem e senhora.

RUA 1.º DE DEZEMBRO
ESPOZENDE

colecção Silva Vieira
**TRADIÇÕES POPULARES DE
 GINEBRE TOPOONOMA DE
 BARCELLOS**
 de
A. Gomes Ferreira
 hecolhidas da tradição oral, por
 Professor de Língua Gallega do Porto.
 É um trabalho que levou 12
 annos a recolher e ordenar — 1890.
 1912
 Obra vasta e de grande interesse
 sobre o assumpto para os estudiosos, que
 se occupam deste tão útil estudo, sem
 duvida o mais importante para no re-
 sa historia patria.
 Edição pertencente á livreria Es-
 pozendense, de Espozende, cuja impressã-
 o achou de concluir-se e cujo custo é ape-
 nas de
500 reis
 pelo correio 525 rs.
 ou Pedidos á Livreria Espozendense
 de José da Silva Vieira—Espozende

Quando se começa
a saber viver a vida
da é preciso morrer.
Alexandre Dumas.

A Verdade

NEM SE QUEER O MANIO DIAFANO DA FANTAZIA.

Composto e impresso no Typ. Espozendense—Espozende.

PROPRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR: JOÃO PINTO DOS SANTOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA CONDE AGROLONGO, 6—ESPOZENDE.

SEMANARIO REPUBLICANO

PRÓ ESPOZENDE

Nos dois ultimos numeros deste semanario publicamos uma entrevista onde varios projectos de melhoramentos deste concelho se formularam conjunctamente com os meios possiveis de os realizar. E' com prazer porém que vimos hoje declarar que dos varios pontos de vista aventados, alguns tinham já, sobre as mesmas bases, sido discutidos em varias sessões da nossa Camara que se propõe levar-os a efeito dentro do mais curto prazo de tempo. E assim é que, estão já estudados os novos impostos a lançar sobre o transitio de vehiculos, exportação de cereaes, bebidas alcoolicas, exposição de gado, construcções de navios, etc. etc.

Alem desta nova fonte de receita ainda a actual Camara pensa contrair um emprestimo para provêr ao que de mais urgente se impõe quer pela sua utilidade comum quer até por constituir um rendimento compensador. Referimo-nos á captação e canalisação da agua do Bouro—que já vae chei-

rando a lenda, pela demora e por... varias coisas interessantes que são do dominio publico e no entanto o povo vae bebendo a porquissima agua da fonte publica, até que a imprensa *una voce* censurou os culpados do abandono de obra tão importante, em vez de os turribular tão frequentemente e a perder a noção da responsabilidade. Estão ainda por concluir as obras dos depositos que se começaram ha anos e onde se gastou metade, aproximadamente, da verba que o Dr. Manoel Monteiro, para tal fim concedeu quando Ministro. A outra metade... morreu por falta de lembrança atacada de uma prescripção aguda para a qual não houve remedio possivel. E assim se perderam cerca de 2 mil escudos que não aproveitaram a ninguém segundo crêmos.

(Continua no proximo numero)

Assignatura

Por anno, em Espozende.....	1\$200
Para fóra.....	1\$350
Brazil.....	2,500

ANNUNCIOS

Cada Linha.....	8
-----------------	---

FOLHETIM

DOMINGO DE PASCOA

Chega afinal o domingo de Pascoa. A missa nesse dia é mais cedo por causa da visita pascal.

O povo enverga os seus fatos domingueiros e assiste á missa num regosijo de crente, que a guarda para breve a apetejada visita de Deus—que á casa vai levar a vida, a saude e a prosperidade.

A um lado do altar sobre o supedâneo está a cruz pascal, totalmente coberta de flores naturais e artificiais e de vistosos e coloridos penachos, que a escondem por completo como se não fosse da melhor prata!

A cruz da nossa igreja—essa preciosidade arqueológica que os franceses 68 anos mais tarde (A) haviam de esconder dez ve-

zes mais tanto que inda até hoje não foi possivel descobri-la? Sim. Pois essa cruz de prata neste domingo de pascoa de 1740 desaparece completamente sob uma enorme profusão de flores, deixando apenas a descoberto o Cristo de ouro que um velho artista medieval burilara seculos atraz.

E o povo, aquele povo crente quasi fanatico—não sei, mas parece-me, que vê naquela imagem o proprio Deus vivo, que lhe sorri amigo e o abençoar...

Ao fim da missa o cruceferário—que é o mordomo da cruz, os eleitos—que são os moços que recolhem os folares, e o campanário—que é o rapazinho da campainha e ainda outras pessoas gradas que o senhor abá te convida, reúnem-se na sacristia. Sobre a grande arca ferrada, de tres fechaduras, estão os ha-

Snr. Governador Civil

Deve V. Ex.^a ter sido informado minuciosamente do que se passou em Fão, na penultima sexta-feira, 2 do corrente.

Apesar disso, não resistimos ao prazer de fixar nas columnas da *Verdade*, para que toda a gente o possa ler e V. Ex.^a possa confrontar, as prepotencias e arbitrariedades praticadas pelos seus correligionarios, que revestiram um tal caracter de violencia, como jamais se viu n'este concelho.

Tratava-se de conduzir ao cemiterio paroquial de Fão, os restos mortaes de uma pessoa de familia de um amigo nosso e assim prestar-lhe a ultima homenagem.

Previamente, o novo paroco de Fão, tinha-se avistado com a autoridade administrativa a quem perguntou se era permitido o enterro católico e se sua Ex.^a mantinha a ordem, se por acaso ella fosse alterada. O snr. administrador respondeu a tudo que sim.

Quando estava para sair o prestito, dois cavalheiros, correligionarios de V. Ex.^a dirigiram-se ao paroco e disseram-lhe: «a maioria do povo de Fão, não o reconhece como prior da freguezia»;—e intimaram-n'o a tirar a estola.

Isto, snr. Governador Civil, foi dito dentro da porta da casa dos doridos.

O paroco, perguntou lhes: V.^{as} Ex.^{as} são a auctoridade?

A isto respondeu o illustre

Regedor: a autoridade sou eu, e saindo para fóra da porta, puchou da pistola e deu uns tiros. Tremou Troia! Os seus amigos, esses sete ou oito, comandados pelo mestre Joaquim, abriram nutrido fogo contra pessoa inofensivas e desarmadas, feriram a torto e a direito, não poupando sequer os proprios amigos.

Passado o primeiro momento de pavor deu-se a reição e os homens das tochas, transformando-as em bons marmeheiros, responderam á violencia praticada e *provocada* pelos amigos de V. Ex.^a, pondo as tochas em tócos.

Limpa a rua dos perigosos inimigos das instituições, terminaram os seus amigos este nobre e generoso acto com variados vivas, para que ouso chamar a atenção de V. Ex.^a:

Ha em Fão, um posto com guarda republicana: a guarda tinha saído. Com ordem de quem? Tem V. Ex.^a em Espozende uma autoridade de sua absoluta confiança; não appareceu.

Dos amigos de V. Ex.^a partiu a provocação; os amigos de V. Ex.^a alteraram a ordem praticando uma violencia absolutamente injustificavel.

Até aqui, nada de extraordinario. Meia duzia de amigos seus, cujas probidade moral é defendida pelo viva o sangue que soltaram, uns esturrados que fazem tudo porque sentem as costas quentes, cometeram um crime. Nas mãos de V.^a Ex.^a está o

tes e os picheis do vinho:—é o 1.^o almoço para alicerçar os desmandos do dia.

Numa travessa de boa louca de Viana, grandes fatias douradas guardam a vez de serem devoradas pelos do compasso.

—Então! é comer rapazes! E o velho abade dá o exemplo tomando para si uma volumosa cambôta do bate cujo aroma erra já disperso no ar, a provocar o apetite da companhia.

Um dos efeitos enche os copos em que os outros (e ele tambem) vão afogando o delicioso manjar nas profundidades do estomago.

La por dentro aquilo vai ficando á cunha

O Fortuna, um estirado rapaz, muito gracejador, conta episodios succedidos na pascoa passada com o acompanhamento da Cruz.

Não se lembravam do tio Narciso ter caído de bêbado?



Fão, perdida á beira mar,
A grande Fão d'outras eras
Deitou fita do pasmar:
Foi mesmo fita e... peras.

Desceram lobos do céu,
Cá p'ra baixo no povoado,
E' laborando em erro,
Foi um cartejo assaltado,

Por grapelhos descontentes,
Na frente, dois maiores:
Armados até aos dentes,
Seguam, atraz, os mais.

Foi tiroteio bravo
Encheu-se de sangue a rua
Tornou-se vermelho o rio
Empalideceu a lua.

N'estes tempos, n'esta idade,
Em que o lema do regime,
Foi o da igualdade,
Que heroísmo tão sublime.

Ficou em estado de guerra
A linda aldeia de Fão:
Dizer-se que n'esta terra,
Se renditou o Front?!

Houve até um desgraçado,
A' outrance perseguido
Foi tanto, tanto alvejado,
Que admira não ser ferido.

Um capador que assaltava,
Dizia: o que eu vi allí!
Tanto tiro, não se attra
A' rapaza ou javal.

A noite succede o dia
A' feimpostada á bonança
E foi com grande alegria,
Acabada a contra dança.

Que se tirou a lição:
As armas, eram de pau
As balas, de papoia,
Antes assim, monos mau.

Já o adagio refere
(Esta lembrança me ocorre)
Todo o que com ferro fere
Sempre, sempre a ferro morre.

E' erro da minha vida
Não tinham d'isso ilusão
Ou 'stão a pedir Baptista
Os bombardeiros do Fão.

Neiva.

os seus novos tamancos de Barcelos, a outro os enormes colarinhos de fino linho da terra, que demasiado encobriam a lapêla da vestia.

A este, ao Lourenço, gabava a boa qualidade dos seus calções de lá, que já tinham servido na mocidade do avô, fizeram a do pai e iam fazer a dos netos e—ó felicidade dos nossos avoengos!

Sempre novos e bem cuidados. A' quele, ao Luiz Branco, que usa barba pascocera, acou selhava-o a cortar a barba para não afugentar as moças.

Eles riem sempre, não se melindram. Depois entrega a caldeira da agua-benta ao t' João Lisboa, manda dar uma corrida ao sino e saem.

(Continúa)

[1]—Este capitulo pertence ao romance *Sobre as Pernéias* cuja accção se passa em 1748. O autor está a preparar a 2.^a edição e o presente escripto é bastante modificando, como de resto todo o livro.

castigo ou a conivencia.

E para isso permita-me umas ligeiras considerações, que justificam tudo.

O sr. administrador do concelho, sabia o que se ia passar, e sabia-o porque os seus amigos lhe disseram quando elle os procurou em Fão, que *não o respeitaram, nem acataram as suas ordens*.

O sr. Administrador dimittiu-se e fez muito mal. Parecidos que sua Ex.^a deveria cair depois de impor a ordem á força, fazendo para isso, tudo quanto fosse preciso, e mesmo assim, não faria mais do que cumprir uma parte do programa do governo que elle e V. Ex.^a representam—ordem, ordem e ordem.

Alguem, no meio da barafunda causada pelo tiroteio, pelos gritos, pelas correrias, dirigiu-se ao regedor e disse-lhe: V. em vez de manter a ordem, está para ahi a dar tiros, de pistola em punho?

Ao que o bom cidadão e illustre regedor respondeu: que é que V. veio aqui cheirar?

Vá para Espozende, e mete-lhe a pistola á cara, não disparou nessa altura porque já não tinha balas.

Com amigos desta força, com um regedor assim e com uma autoridade como V. Ex.^a aqui tem, a ordem ha-de ser sempre desordem, á lei ha-de substituir-se sempre o arbitrio e a violencia continuará a impar, ali do outro lado do rio, até que o governo se convença de que não se pode viver sob a pressão de meia duzia de fanaticos, que querem impor-se, mostrando aos adversarios, revolveres e pistolas, por dá cá aquella palha.

Ordenou V. Ex.^a um inquerito?

Feito por quem? Pelo sr. Administrador, Ora!... Por acaso, nesse inquerito, a autoridade administrativa será capaz de dizer que foram os proprios correligionarios, que o *desrespeitaram* e lhe disseram que *não lhe obedeciam*?...

V. Ex.^a conhece aquella fabula de Phaedro, em que as rãs pediam em altos gritos um rei?

A primeira experiencia está feita. Tente V. Ex.^a a segunda e faça comprehender aos seus amigos que num regime republicano a lei é igual para todos.

Mantenha V. Ex.^a a ordem, Sr. Governador Civil, e não consinta que, por mais tempo, os seus amigos fomentem a desordem.

Um espozendense

Pode fazer-se um tratamento racional da

FRAQUEZA GENITAL
sem haver o menor perigo para o organismo, empregando o processo oppoterapico, por meio do extracto testicular.

OS

GAZES DO ESTOMAGO E DOS INTES-TINOS
desapparecem, tomando no meio de cada refeição, um a dois comprimidos de

Carvão "SANITAS",

Enviar consultas, guardando-se o maximo sigillo ao

LABORATORIO "SANITAS"
Travessa do Carmo, 1, 1.º
LISBOA

CARTAS Á MAFALDA

Minha querida amiga

Escrevo-lhe, minha boa amiga, do mais alto do Penedo da minha Saudade. Estou no Minho. O Minho guinda-me sempre ao mais alto do Penedo da minha Saudade.

Nasci no Sul e você sabe, encantadora Mafalda, eu sou de lá.

A paisagem minhota é linda, mas eu sou extremenho! as mulheres do Minho são deliciosas de linha e côr, mas eu sou extremenho!; os costumes destas paragens encantam, mas eu sou extremenho! Sou extremenho!—por tanto o Minho me guinda ao mais alto do Penedo da minha Saudade.

Tudo isto, Mafalda amiga, vem para advertir que nesta carta não lhe direi o Minho. Para que eu lhe dissesse o Minho urgia que eu o entendesse. Eu não entendo o Minho. Diante da paisagem minhota sinto que a minha paleta descôra. E o Minho tem muita côr. Mas eu não entendo estas côres. Como entendo de-las, se—Deus da minha Arte—eu sou extremenho?!

Da minha sensibilidade de pintor extremenho, pois que não entendo as côres destas paragens, nada lhe posso dizer que diga o Minho. Que dizer-lhe? Vai dizer-lhe o fumo do meu cigarro: Fumo do meu cigarro! Como é lindo o azulado fumo do meu cigarro! E quem me dêra correr ligeiro como ele, por esse mundo fóra em cata de emoções novas! Fumo do meu cigarro, eterno confidente das maluqueiras do pobre artista, como eu te quero! Sigo-te com os olhos e contigo arrumo para o espaço um ar que é demais no meu peito. Contigo vai a minha colossal ancia de Beleza, vaguear ao acaso pelo ambiente deste quarto.

Estou só e muito acompanhado, triste e bem contente! Porque, nós, os artistas, como anormais e doentes da sensibilidade, méros doidos com poucos momentos de lucidez, sentimos Beleza no silencio—e na solidão que mais nos acompanham as fantasmagorias da Arte.

A Arte, creia minha amiga é uma formidavel loucura de Beleza que dá ao artista momentos de tristeza horrivel. Estou triste. Os meus pensamentos são tristes. Tristes seriam os quadros que Deus me mandasse pintar. Estou triste, muito triste. E porque estarei eu triste? Nem eu sei—Meu Deus e Musas da minha Arte—sinto a tristeza, mas ignoro a sua origem. Sinto que uma mulher muito bela, de gazes envolta, vem até mim e me perfuma com o seu hálito de mil perfumes; me foge, quando mais a quero realidade, deixando-me nesta terrivel pressão de esquite de mim mesmo.

Esquite de mim!—Eu vivo morto! Enterrei-me no Sonho e a chave do meu caixão é a Realidade.

Da terra do Sonho, em pó e cinzas desfeita, erguem-se em poémas de curvas satánicas, os vermes da Beleza que me roem a alma. Esquite de mim!—Eu vi-

vo morto! Morri no dia em que, por dentro, se me iluminou o craneo, e começou em mim, na minha alma, a lenda de Santa Sensibilidade!

Eu era vivo. Deram-me livros, pensei, senti: morri! Morri e não tenho saudades da vida que vivi. Morri, morri e só agora sei que vivo.

Mas... Oh! Mafalda, Mafalda, perdoe-me que eu sonho e você está acordada! Eu não tenho direito de lhe escrever assim. Eu morri, mas você vive! Você não me entende.

Isto para você, terá um que de magia espirita. Vae julgar-me morto que fala por intermedio da meza.

E sofre! Como eu vejo que sofre!

Perdoe-me, Mafalda, os mortos ás vezes teem disto...

*

A mão amiga de um verdadeiro talento que insiste em julgar-se lavrador, trouxe-me, há poucas horas, um livro do delicioso poeta que é Antonio Correa de Oliveira.

«Na Hora Incerta ou A Nossa Patria—L. 1.º—E' Portugal que vos fala (Redondil as que para o povo escreveu Antonio Correia de Oliveira.—Ano Novo de 1920)—eis o delicioso livro que recomendo a Mafalda. Leia-o, leia-o depressa e diga-me depois se não senti riquissima, a alma de um Grande Poeta de Portugal!

Esta vae já longa. Não quero que as suas rendas e as suas rosas fiquem sós por muito tempo...

Agora vou meter-me pelos campos de braço dado com a Primavera que ahi está fóra—tao ga rotal—a chamar-me para a Orgia das Côres:

Adeus.

Dois beijos para as suas lindas mãos da princezinha encantada,

Do seu amigo

Octavio Sergio

Como se faz a historia

Dissemos nós, num dos ultimos numeros da Verdade que, se alguém tinha que ser demittido pelo snr. Ministro da Instrução, o primeiro era o Inspector do Circulo.

Alem das razões que apontei no ultimo artigo, seja-me permittido juntar mais algumas, para que se fique sabendo que nós apenas queremos que se faça justiça a todos, não nos importando, para isso, com o logar que as diversas entidades possam occupar.

No tempo da Monarchia era este concelho visitado a cada passo, quizenalmente talvez, por sua ex.^a Acreditamos que o snr. Inspector fazia essas visitas para ver como se conduziam os seus subalternos, e fazia muito bem.

Proclama-se a Republica e essas visitas cessam como por encanto. Ora sua ex.^a cumpria, nos tempos da Monarchia ou não cumpre agora, a não ser que

atribuamos essas visitas a fins deferentes daquelle que oficialmente desempenhara.

Mas que seria então? Misterio!...

Não vindo sua ex.^a a este concelho inspecionar de perto os seus subalternos, mal se comprehende que dê informações, que por isso mesmo serão baseadas talvez em modos de ver puramente pessoais, em vez de serem a resultante do aproveitamento e da frequência que o professor ministra a instrução aos seus discipulos. Como quer que seja, é facto que no concelho foram demittidos dois professores, sendo como já dissemos reintegrado um e o outro lançado ás feras, sem que os seus colegas, num geito de protesto se unam a quem sabia ser absolutamente leal e inteligente e sabedor como nenhum outro.

Por intermedio de sua ex.^a, o Ministro lançou-o ás feras e os colegas disseram *amen*.

Se a Republica fosse um regimen de justiça como é de favoritismo, ha muito tempo que Manoel Boaventura teria sido reintegrado. Que fez elle para ser emparceirado com o professor Torrinhás na demissão e não o ser na reintegração?

Quem o viu, á frente das manifestações monarchicas, esganicar-se a dar vivas á Monarquia?

Alguem o acusa de ter queimado a bandeira da Republica? Como escritor de merito e jornalista, publicou alguns artigos ou livro contra o actual regimen? Responda sua ex.^a o Inspector, sua ex.^a o Ministro, essas ex.^{as} todas que na sombra perseguem Manoel Boaventura, desde que elle, como todos os colegas do concelho; não foi pagar pé a certo soba.

O que fizeram a Manoel Boaventura, não tem classificação, mas também é preciso ao procedimento réles que tiveram com elle, alguma coisa fique para perpetuar a memória de tão nobre e generoso feito.

E por isso tomamos a liberdade de lembrar ao ex.^{mo} Ministro que, para a devida comemoração mande fazer as medalhas, que passam a descrever.

Para o snr. Inspector:

Sobre um fundo azul, que que tanto pode representar o nosso lindo céu, como a brandura dos nossos costumes, a effigie da Republica em rubro: no reverso, em alto relevo, e em primeiro plano, a Junta Governativa do Norte oferecendo o bastão do mando a sua Magestade El-Rei D. Manoel II.

Em segundo plano,

O snr. Inspector, regendo um orfeão, composto por todos os professores do circulo—que entoaria a conhecida passagem da *granduqueza* e que serve de legenda ao medalhão: *aceit i o sabre... o sabre, o sabre*.

Para a colocar sobre o coração generoso de sua ex.^a dum lado uma fita verde-rubra, do outro azul e branco, tendo o cuidado de lhe aplicar um systema de rotação, para se voltar facilmente, se as contingencias da sorte assim o determinarem.

Para o professor Torrinhás:

—No avverso da medalha, a bandeira verde-rubra da Republica surgindo do meio de chamas, representando os dias da traulitania e de Monsanto.

No reverso, uma corôa e um barrete phrigio, rudupiando vertiginosamente, a mão cabeluda e magra tentando agarrar a primeira que lhe passe ao alcance.

Como legenda mais vale um passaro na mão...

Para o Boaventura: no avverso, uma palma, com a seguinte legenda «ave Cear» representando o agradecimento do nosso querido amigo e compacheiro de infortunios a sua ex.^a, o Inspector, pelas atenções e delicadezas que sempre lhe tem dispensado.

No reverso duas datas:

—A primeira a do dia em que infamemente foi mandado para Braga como conspirador—a segunda a da sua demissão.

ESPOSENDALÉRIAS

Apesar dos roncões da ventania, açoitar, impiedosa, as arvores que marginam os campos e as bouças e silvar ameaças pelas frinchas da janela; a despeito das carrancas do céu mal humorado e das cordas obliquas da chuva alagadica, que tem caído—eu bem sinto que a Primavera chegou.

Presente-se bem nas ascendencias das boas seivas que sobem a rejuvenescer as velhas arvores e a vesti-las com a candida roupagem das suas verduras, de cambiantes variadas, desde o verde-louro, das vinhas, ao verde negro dos pinheiros,

Os pomares alegram-se com a vaporosidade das suas delicadas flores, prestes a deixarem-se fecundar, para a mutação abençoada dos frutos.

As floritas bravias dos matos e os matizes variados dos prados, rescendem em hálitos saudaveis vigor e força.

E' a Primavera que chega envolta entre os canticos suaves das avezinhas e as tonalidades luxuriantes das cores.

Os perfumes selvagens dos matagais do norte e os aromas inclassificaveis dos campos, hãtrem-se numa sofreguidão gulosa como se bebessemos a alma das flores, na doçura de mel dos seus perfumes.

Lembra-me agora a frase lapidar de Heine:—O perfume é o sentimento das flores. Parece que sim, parece que a violeta, a modesta, com a suavidade do seu embriagante perfume, deve albergar em sua pequenina alma de flor, o sentimento nobre da maior generosidade.

Mas que contradição!

Quem não conhece o agressivo espinheiro do monte, armado de agudos pregos contra tudo e contra todos,—parece que com o fim de proteger as suas vaporosas e aromáticas flores?

Não obstante nada ha mais fino, mais delicado, do que um raminho de flores de espinheiro; e se a intensidade dos sentimentos das flores, se mede pelo grau e finura do perfume—que gran-

A VERDADE EM FÃO

CRONICA FANDANGA

O supremo mal de que está eivado o paiz e que tem afastado do convívio republicano as maiores competencias nacionaes é a mania de declarar *desaffecto ao regimen*, qualquer personalidade em destaque, quer seja professor ou funcionario publico, ou mesmo individuo de classe independente. O governo procedendo a uma seleção do elemento perturbador, se chamasse a cooperar, na direção das diversas e complicadas estancias burocraticas, gente séria e competente, não veria constantemente esta suprema vergonha da frequencia de revoluções; mas também a sua continuada intervenção em assumptos pessoas ou collectivos, que não lhe dizem respeito, tem produzido a desconfiança da população portugueza nos seus governantes, e d'ahi esse constante mal estar de elementos insofridos. A proposito vem o seguinte caso: Uma confraria qualquer élé-ge, numa assembleia, a direção que ha-de reger os destinos durante um certo lapso de tempo. A eleição foi legal, mas o governo a pedido de afeiçoados, dissolve a direção sob a disparatada insinuação de *desaffecto ao regimen*.

E' simplesmente um cúmulo, a quinta essencia da intolerancia partidaria.

Não se deveria chamar *desafeta* ao regimen qualquer collectividade religiosa, mas aos que nos despertam, — a esses afeiçoados *ao governo*, — a *dôr-civil*, — de vêr tudo isto no mais vergonhoso cáos.

Fez-se o 5 d'Outubro para desterrar os cesares constitucionaes e ficamos sob o doce domínio dos *cesarêtes* absolutistas de diversas profissões, qual dellas a mais democratica.!!

O que vale é que estamos na fandangada e leva-se a cousa a rir...

Pai Paulino.

E lá se passou a Semana Santa, sem que aqui se realizasse a menor cerimonia religiosa, apesar de existirem valiosos legados para se efectuarem.

E' assim que os *grados* da nossa terra, em constantes manifestações de *patriotismo*, vão acabando com tudo, que os nossos antigos foram deixando para nós mantermos com respeito, e desenvolvermos conforme nos fosse possível, garantindo a tradição.

O que vale é que toda a gente os conhece, e faz delles o verdadeiro juizo.

desa de alma num corpo de carasco!

Primavera! ó Primavera! tu és a encarnação da alma alegre de Dionisios, a rir no lume no-

Não pode, porem, continuar este triste estado, porque está soffrendo uma povoação inteira.

O movimento na estrada de Espozende durante estes dias de Semana Santa tem sido extraordinario.

As mercearias dos nossos amigos Antonio Loureiro, Manoel Areia e José Terra tem feito largo negocio com os fangueiros, que aproveitam a ocasião de irem assistir ás solemnidades, naquella villa.

Esta semana alem dos varios furtos pelas tomadias, de somenos importancia, houve um grande roubo feito á sr.^a Angela Pereira Gonçalves, cujos audaciosos auctores ainda não foram apanhados. Soma e ségüe...

Foi transferido, por castigo o cabo commandante do subposto, d'esta freguezia.

Sempre estivemos convencidos que seria feita justiça a quem tão incorretamente procedeu no passado mez de fevereiro, originando uma sindicancia cujos resultados começam a aparecer.

Vimos ha dias, entre nós, de visita a sua familia o ex.^{mo} sr. João Carlos Gonçalves, de Cerveira.

De passagem, estiveram ha dias aqui os ex.^{mos} snrs. Raul Bor da e Manoel M. Sobral que seguiram viagem para o Brazil. Feliz viagem.

Na quarta feira da semana passada falleceu, após prolongada doença, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Delfina da Costa Campos.

A extincta, que era muito estimada no nosso meio pelas suas bellas qualidades de caracter e de bondade, era mãe da Ex.^{ma} esposa do nosso presado amigo Sr. Carlos Henrique d'Oliveira, a quem, por esse motivo, apresentamos a expressão sincera do nosso pezar.

O funeral tinha de se realizar a sexta feira, sendo impedido por um grupo de individuos que obstinadamente e por meios violentos, tiros e pedradas não consentiram que saisse o funeral, nesse dia.

Comentarios para quê!...

vo do sol, na terra verdura das plantas, nas gargalhadas cristalinas das áves, na lombada pardacenta dos montes, nos arrulhos monotonos dos regatos—

nos seres vivos e nas coisas brutas...

Quem derá eterna a Primavera das coisas!

Quem derá eterna a Primavera da Vida!

Ru'en.

DAS ALDEIAS

FORJÃES I

N'uma das ultimas noites os larapios assaltaram uma casa em que o nosso amigo Snr. Alberto de J. R. Torres tinha uma quantidade de batatas, levando-lhe uma porção de arrobas, que estavam destinadas á plantação.

—Tambem levaram á sr.^a Mariana Fernandes de Sá, uma cábria e uma cabrita, no valôr de 25 mil reis.

Se a autoridade local não dá providencias a estes abusos dentro em brève estaremos em plena Falperra.

—Hontem de manhã saiu o sagrado Viatico aos enfermos d'esta freguezia, sendo acompanhada de bastante póvo.

—Tem estado bastante encomodada de saude a esposa do nosso amigo snr. Alberto de Jesus Ribeiro Torres. Rapidas melhoras é o que lhe desejamos.

—Encontram-se entre nós em gozo de ferias os sobrinhos do ex.^{mo} sr. Rodrigues de Faria e os filhos do sr. José Albino A. de Faria, inteligente professor oficial.

IDEM, IO.

—Realizou-se no passado domingo e segunda-feira a visita pascal que decorreu na melhor ordem. Na segunda-feira, foi benzida uma capelinha pertencente ao snr. Manoel Ferreira da Cruz, na qual se venera a imagem de Santo Antonio. Ao acto assistiu bastante povo.

—Na tarde do ultimo domingo, falleceu na visinha freguezia de Fragozo, na avançada idade de 87 annos a sr.^a Josefa Rodrigues de Faria, tia do ex.^{mo} sr. Rodrigues de Faria. O funeral realisou-se na terça-feira, no qual tomaram parte as Confrarias das Almas e Senhora do Rosario d'esta freguezia Paz a sua alma.

—Na madrugada do dia 6, foram presos pela Guarda Nacional Republicana os desertôres, Justino Lima e José Alves Neiva. Deram entrada na prisão de Infantaria em Barcelos, seguindo para o forte de Valença na passada 5.^a feira.

—Partiu para Lisboa o importante capitalista ex.^{mo} sr. Rodrigues de Faria.

C.

OBESIDADE

desapparece, sem prejuizo para o organismo, fazendo um tratamento racional pela

THYROIDINA ACTIV

de que se devem tomar 2 comprimidos a cada refeição.

V. Ex.^a faz mal as suas digestões? Fica depois das refeições com o estomago cheio e com afrontamentos? Pois tome uma a duas colheres, das de chá, de

SANITAS

Travessa do Carmo, 1, 1.^o
LISBOA

NOTICIARIO

FALECIMENTOS

Em Palmeira falleceu no dia 3 e sepultou-se no domingo de pascoa, de manhã, o Sr. José Gonçalves da Silva, de 27 anos, solteiro, prefeito da officina S. José, Braga.

Era uma creatura ilustrada e muito honesta.

Tambem em Palmeira falleceu, quase repentinamente, em virtude dum forte accessa de febre cerebral, o estudante Alvaro Gomes da Silva, de 17 anos, rapaz muito inteligente, a quem o futuro deveria reservar largas prosperidades.

O finado era filho do sr. Manoel Gonçalves da Silva Novo «o Postico».

As familias enlutadas as nossas condolencias.

PEDIDO DE CASAMENTO

Para seu irmão sr. Julio Giesteira Lima, proprietario, da freguesia de Mar, foi pelo sr. Adelio Ferreira Lima, habil escrivão notario em Moncorvo, pedida em casamento, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Ernestina Augusta de Sá Oliveira, muito digna professora da Escola Primária Superior de Famalicão.

Seguido consta é para brevemente auspicioso enlace.

Desde já lhes desejamos uma perene lua de mel.

EXPEDIENTE

O nosso jornal não pode sair no domingo passado, por falta de papel, pelo que pedimos aos nossos estimados assignantes nos desculpem, procurando de futuro evitar estas contrariedades.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Antonio Fernandes Ribeiro e mulher Eva de Magalhães Ribeiro, vêm publicamente patentear o seu profundo agradecimento ao excelentissimo sr. Dr. Ramiro de Barros Lima, illustre facultativo desta vila, o qual, durante a grave doença que por tanto tempo retêve no leito a declarante e a levou ás portas da morte, mostrou a sua superior competencia e inigualavel dedicação, tudo isso aliado a um trato verdadeiramente primoroso e amigo.

E assim, solenemente afirmam que a tão distincto medico se deve o facto de a mesma pertencer ao numero dos vivos, encontrando-se completamente curada.

Aproveitam a oportunidade para agradecerem reconhecidissimos, as provas de estima e amizade

de que, por muitas formas, foram alvo por parte dos seus amigos e conhecidos durante a aludida doença.

Espozende, 28 de março de 1920.

a) Antonio Fernandes Ribeiro
a) Eva de Magalhães Ribeiro



AGRADECIMENTO

Os abaixo assinados, pais, irmão e tios do sempre chorado Manoel dos Santos Garcia, veem por este meio cumprir o doloroso dever de agradecer a todas as pessoas que durante o transe porque passaram, lhe significaram os seus prestimos, acompanharam a ultima morada o extinto e assistiram á missa do sétimo dia, procurando por este meio sanar qualquer falta que por ventura possa ter havido da nossa parte, protestando a todos a nossa indelevel e eterna gratidão.

Espozende, 26 de Março de 1920.

Antonio dos Santos Garcia
Mário de Vilas Boas Pereira
Francisco dos Santos Garcia
João de Vilas Boas Pereira, ausente
Rosá Alves Morgado

Objectos de ouro, prata e platina, compram ao ao melhor preço

BRANDÃO & C.^a
(Agencia de Espozende)

O melhor reminerador do organismo é a

CALCINA TRIPLICE

As pessoas fracas, com tendencia para a tuberculose e com entraghecimento progressivo devem tomar a

Calcina Triplece com Arrhenal

As pessoas anemicas e as crianças filhas de paes anemicos, sobretudo as que vivem em climas quentes, devem tomar a

Calcina Triplece com Ferro Organico

As crianças lymphaticas, palidas, desenvolvendo-se muito vagarosamente adquirem a cor rosada natural e a robustez normal, tomando a cada refeição, uma a duas colheres das de chá de

Calcina Triplece com Iodo Organico

Enviar consulta detalhada ao

LABORATORIO SANITAS
Travessa do Carmo, 1, 1.^o
LISBOA

EDUARDO MOTTA
ADVOGADO

Rua 15 de Agosto

Collecção de Silva Vieira

**ENSAIOS
ETNOGRAFICOS**

por
J. Leite de Vasconcellos
VOL. 1.º • 2.ª EDIÇÃO

Muito melhorada e revista pelo au-
tor, impressa em magnifico papel, com
port. de 400 paginas

15000 REIS

A' venda nas livrarias do Porto e
Lisboa, e em casa do editor José de
Silva Vieira—Livraria Espozendense—
remetendo-se pelo correio a quem os
requisitar mediante a sua importancia
e mais 25 reis para o porte.

Pedidos aeditor —ESPOZENDE

Acaba de publicar-se

FOLCLÓRE

da
Figueira da Foz

Cordenado por *M. Cardoso Martha
e Augusto Pinto*

Repositorio completo das tradições
populares da Figueira.

2.º e ultimo vol. com cerca de
300 paginas 500 reis

A' venda em Lisboa:

Livraria Classica Editora, de
A. M. Teixeira, 20, Praça dos Restaurado-
res, 20.

No Porto:

Livraria Portuguesa—editora
de Joaquim Maria da Costa, (gerentes, Ma-
chado & Costa) 55, Largo dos Loyos, 56

Em Espozende:

Livraria Espozendense Eitoria,
Rua Veiga Belrão,—7 a 9

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal
para o estudo das tradições populares
dirigida por

José da Silva Vieira
collaborada por todos os folkloristas
portuguezes e estrangeiros

Assignatura

Anno, Portugal.....60
Estrangeiro..... 1:00

Toda a correspondencia deve ser
dirigida á Redacção «Revista do
Minho» ou ao seu director, José
da Silva Vieira—ESPOZENDE

Ninguem tenha duvida, que
OS FACTOS

e outras fazendas teem mostrado á evidencia
que quem quizer

VESTIR BEM

e tiver a intuição do

BOM GOSTO

quem pretenda ser bem servido com

TECIDOS DE CONFIANÇA

e deve preferir sempre os

PADRÕES CHICS

que constituem os sensacionais sortimentos da
conhecida e acreditada

CASA ARNALDO TORRES

Largo Dr. Fonseca Lima

ESPOZENDE

APONTAMENTOS SOBRE

LEXICOGRAFIA PORTUGUEZA

POR

M. Boaventura

1.º volume

(LETRA: A — E)

Preço 20 centavos. Pelo correio, 21.

Um elegante volume muito por-
tátil, de 200 paginas, em magni-
fico papel e boa impressão.

A' venda nas principaes livra-
rias de Lisboa, Porto, Braga, Bar-
cellos e outras terras.



TIPOGRAFIA

ESPOZENDENSE

ESPOZENDE

***** RUA DIREITA, 7 a 9 *****

Esta typografia acha-se montada por forma a poder satisfazer com vanta-
gem os seus clientes e com esmero e brevidade todos os trabalhos que lhe sejam
confiados, para o que dispõe de material completamente novo, nacional e estran-
geiro, maquinas de impressão, de picotar, coser a arame, de cortar papel, aper-
to etc., para o que possui pessoal com longa pratica e competentemente habi-
litado. Execução de todas as obras de livro, em todos os formatos, jornaes politi-
cos, litterarios e noticiosos, facturas, cartazes, grandes para o que ha typos adqua-
dos, memoranduns, trabalhos para todas as repartições publicas e particulares, pros-
pectos em todos os fomatlos e gosto artistico, cartões de visita, para o que ha um
grande mostruario com 60 qualidades de typos diferentes, e tudo que diga res-
peito a este ramo de industria. Preços de todos os trabalhos, os antigos. Ha gran-
de quantidade de cartão de visita em todas as qualidades e formatos.

O publico para ser bem servido deve sempre preferir es-
ta antiga e bem montada officina.

“ONDINA”

Companhia de Seguros (em organização)

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

CAPITAL—Meio Milhão de Escudos
(500 Contos)

Séde provisoria—Rua Mousinho da Silveira n.º 129-1.º—

PORTO

N'esta Redacção, indica-se a pessoa autorizada a receber o
capital de qualquer subscritor, em accções nominaes de 40000
escudos.

NOVO ESTABELECIAMENTO

Manoel Lopes Rodrigues d'Areia

Ferragens e Mercçaria

RUA 1.º DE DEZEMBRO
ESPOZENDE

BRANDÃO & C.

AGENCIA DE ESPOZENDE

SEDE: VILA NOVA DE FAMALICÃO

Compram e vendem papeis de credito e fazem todas as operações bancarias.

Depositos a prazo e á ordem

Correspondentes em todas as terras do paiz

Negocios no Brazil.

Agentes em LONDRES, PARIS e MADRID.

MODA E ELEGANCIA

ATELIER DE ALFAITE

DE

Manoel de Jesus Pereira

Executa-se com perfeição e esmero todo e qualquer trabalho da sua arte
por preços modicos, responsabilizando-se pelo trabalho que executar.

Tambem confeciona casacos para senhora, obedeçendo ás ultimas exigen-
cias da moda.

Fatos promptos a vestir em 24 horas. Execução rapida, bonita e elegan

Fazem-se capas e sobretudos de borracha e gabardine
para homem e senhora.

RUA 1.º DE DEZEMBRO
ESPOZENDE

TRADIÇÕES POPULARES, LIN-
GUAGEM TOPOONIMA DE
BARCELLOS
Recolhidos da tradição oral, por
A. Gomes Pereira
Prof. de Língua Central do Porto
E' um trabalho que levou 12
anos a recolher e ordenar—1890.
1912
Ora vasia e de grande interesse
sobre o assumpto para os estudos, que
se occupar desde láo até estado, sem
dúvida o mais importante para no le-
sa historia patria.
Edição pertencente á livraria Espe-
zandense, de Espozende, cuja impressã-
acaba de concluir-se e cujo custo é ape-
nas de
500 reis
pelo correio 525 rs.
ou pedidos á Livraria Espozendense
de José da Silva Vieira—Espozende